

profilática; bem como investigação da condição de base e seu correto tratamento, além de reposição oral ou intravenosa de ferro.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.020>

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE ANEMIA POR DEFICIÊNCIA DE FERRO EM PACIENTES IDOSOS NO ESTADO DO PARÁ

PPC Assayag, GSC Reis, AJME Silva, AL Silva, EN Pinheiro, LMS Castro, LO Mota, PGN Gonçalves, RMPD Santos, AVSVD Berg

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, PA, Brasil

Objetivos: Determinar o perfil epidemiológico de idosos internados por anemia por deficiência de ferro no estado do Pará, além de determinar a faixa etária, o sexo e a raça/cor mais prevalente nos casos de anemia ferropriva através dos dados de internação. **Material e métodos:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, transversal e retrospectivo, realizado por meio do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), especificamente pelo Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) com os dados referentes ao período de janeiro de 2016 a dezembro de 2020. Os dados foram organizados e devidamente analisados. **Resultados:** De acordo com os dados disponibilizados pelo DATASUS, no período de janeiro de 2016 a dezembro de 2020, foram constatadas 628 internações motivadas por anemia por deficiência de ferro, em pacientes com idade a partir de 60 anos, o que corresponde a 32% do total de internações ocorridas, sendo a faixa etária com maior incidência a de idosos entre 60 e 69 anos (36%). Ademais foi possível observar que os pacientes mais acometidos (54%) eram do sexo masculino. No que concerne à cor/raça dos indivíduos diagnosticados com a doença, 69,5% destes eram pardos, seguidos pela raça branca (4,7%). **Discussão:** A anemia é uma enfermidade com grande impacto na qualidade de vida de idosos acometidos, com aumento do risco de quedas, de declínio cognitivo, aumento do tempo de hospitalizações e da mortalidade. A incidência de anemia por deficiência de ferro é um assunto que levanta preocupação, por se tratar de uma doença comum em crianças, mas que também pode ser incisiva na faixa etária dos idosos, principalmente nos que residem em instituições de longa permanência. Assim, percebe-se uma discrepância no perfil epidemiológico de acordo com o nível de atenção na qual os pacientes com anemia ferropriva são atendidos, sendo a doença mais presente em crianças no dia a dia ambulatorial e na prevalência de maneira geral, no entanto, quando se trata de internações pela doença, os resultados deste pesquisa demonstram que estas são mais comuns em faixas etárias mais avançadas. É válido ressaltar também que, considerando a realidade brasileira, há uma grande quantidade de casos não diagnosticados ou de ausência de investigação etiológica da anemia, o que dificulta a apreensão geral de dados fidedignos. Coloca-se também a carência de estudos epidemiológicos no Brasil acerca dos dados da anemia ferropriva, o que dificulta uma associação direta das variáveis com



a doença e a comparação com estudos anteriores. Sendo assim, nota-se a necessidade da realização de estudos mais amplos que associem as variantes epidemiológicas a doença de maneira mais exata. **Conclusão:** Tendo em vista os dados obtidos através do DATASUS, pode-se afirmar que dentre as internações ocorridas no estado por anemia ferropriva, 32% delas ocorreram na população idosa e essa informação possui relevância epidemiológica, visto que tal estado pode provocar um declínio na qualidade de vida do paciente. Por isso, faz-se necessária a elaboração de novas pesquisas abordando este tema.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.021>

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS PACIENTES INTERNADOS POR ANEMIA FERROPRIVA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

KG Frigotto^a, GSB Garcia^b, G Sadigurschi^a, CFDS Tiago^a, VRA Valviesse^a

^a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^b Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy (UNIGRANRIO), Duque de Caxias, RJ, Brasil



Objetivos: Analisar o perfil epidemiológico dos pacientes internados por anemia por deficiência de ferro no município do Rio de Janeiro. **Material e métodos:** Trata-se de um estudo descritivo utilizando dados referentes às internações por anemia por deficiência de ferro realizadas no município do Rio de Janeiro (RJ), no período de janeiro de 2017 a dezembro de 2020. Os dados foram coletados do Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS) e as variáveis selecionadas foram: sexo, faixa etária e taxa de mortalidade a cada 100 internações. O programa Microsoft Excel foi utilizado para tabulação e análise dos dados. **Resultados:** Foram analisados dados da internação de 533 pacientes. Em relação ao sexo, 62,85% (n = 335) eram do sexo feminino e 37,15% (n = 198) do masculino. As faixas etárias com maior número de internações foram 60-69 anos (20,45%) e 70-79 anos (17,45%). As faixas etárias que apresentaram menor número de internações foram: 5 a 9 anos (0,75%), e menor que 1 ano (0,94%). Durante o período estudado a taxa média de mortalidade nas internações foi de 6,38%, sendo mais elevada no sexo masculino (10,10%), e nas seguintes faixas etárias: 70-79 anos (11,83%), e 60 a 69 anos (11,01%). **Discussão:** A anemia ferropriva é a doença nutricional de maior prevalência no mundo. Pode ser causada por escassez ou pelo aumento da necessidade de ferro, por perda crônica de sangue ou por defeitos na absorção. Em relação ao perfil epidemiológico, a literatura cita que a incidência da anemia ferropriva é maior nas mulheres, o que também foi observado neste estudo. Isso pode ser explicado pelas perdas sanguíneas menstruais e pelo aumento do consumo de ferro nas gestantes e lactantes. Quanto à faixa etária, estudos citam que a prevalência é maior nas crianças e adolescentes, por serem períodos de maior demanda pelo crescimento. Já nos idosos, é necessária a investigação de perda de sangue por neoplasia intestinal, o que explica a maior taxa de internação

nas faixas etárias mais avançadas apesar de não ser a com maior incidência de anemia ferropriva. A literatura cita que a taxa de mortalidade em pacientes com anemia ferropriva é maior em faixas etárias mais avançadas, onde as causas dessa alteração geralmente são doenças inflamatórias do trato gastrointestinal, uso de medicações anti-inflamatórias, infecções ou câncer colorretal. Tais dados estão de acordo com as maiores taxas de mortalidade nas internações na faixa de 70-79 anos observadas neste estudo. Cabe ressaltar que o SIH/SUS não dispõe nos registros dados referentes às etiologias da anemia ferropriva. Esta limitação impede uma avaliação mais detalhada acerca do perfil epidemiológico dessa doença, visto que cada etiologia possui características distintas que impactam no prognóstico e desfecho do paciente. **Conclusão:** Foi observado que as internações por anemia ferropriva predominam no sexo feminino, porém o sexo masculino apresentou uma maior taxa de mortalidade. As faixas etárias mais avançadas apresentaram maior número de internações, como também maior taxa de mortalidade nas internações. Tais dados reforçam a necessidade da investigação dos quadros de anemia ferropriva, principalmente em faixas etárias mais avançadas. É necessário maior detalhamento das etiologias de anemia ferropriva no registro dos dados no SIH/SUS, pois cada doença possui um comportamento e perfil epidemiológico distinto.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.022>

TELEMEDICINA EM HEMATOLOGIA NÃO-MALIGNA A PARTIR DE SOLICITAÇÕES DE MÉDICOS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA: ANÁLISE PROSPECTIVA DE 790 CASOS CONSECUTIVOS

T Araujo^a, KLC Machado^a, JPR Baptista^a, IS Boettcher^b, MP Lacerda^{a,b}

^a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Joinville, SC, Brasil

^b Centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa Catarina (HEMOSC), Blumenau, SC, Brasil

Introdução: Atendimentos Presenciais em Hematologia (APH) não estão disponíveis na maioria dos hospitais de Santa Catarina. A solicitação de Teleconsultoria Assíncrona em Hematologia (TAH) por parte do Médico da Atenção Primária (MAP) tem o potencial de ser uma ferramenta valiosa e custo-efetiva para pacientes e profissionais. Apesar de não ter sido avaliada prospectivamente em nossa realidade, TAH pode reduzir tempo por um APH, evitar consultas e deslocamentos desnecessários, e servir como uma ferramenta de educação do MAP em casos que poderiam requerer avaliação na hematologia. **Objetivos:** Avaliação prospectiva das TAH do Sistema Integrado Catarinense de Telemedicina, entre agosto de 2019 e julho de 2021, com determinação das principais características clínicas que levaram a um encaminhamento para a hematologia. **Métodos:** Todos os MAP do estado têm acesso ao Sistema Integrado Catarinense de Telemedicina, e as TAH são distribuídas aleatoriamente para os centros de referência em hematologia do estado. O HEMOSC - Joinville é um centro responsável por aproximadamente um quinto das TAH. A

definição e classificação de gravidade de anemia da OMS foi utilizada. Para cada consulta, uma única hipótese diagnóstica principal foi estabelecida, baseando-se nos dados fornecidos. **Resultados:** 790 pacientes acima de 15 anos foram incluídos. A mediana de idade foi de 55 anos (variação interquartil, IQR: 39-70), com 282 pacientes (36%) com 60 anos ou mais. Sessenta por cento dos pacientes eram mulheres (n = 472). Os principais diagnósticos foram: anemia ferropriva (n = 123, 16%), anemia de causa indeterminada (n = 107, 14%), e trombocitopenia inexplicada (n = 102, 13%). Citopenias representaram 499 (63%) diagnósticos. Em 597 casos (76%), o hemograma completo anormal ou testes de coagulação foram a única razão para consulta. Diagnósticos hematológicos foram formulados adequadamente pelos médicos da atenção primária em 140 casos (18%). Hemograma completo foi reportado em 594 casos (75%), sendo a anemia leve o achado mais frequente (n = 188, 32%). A mediana da hemoglobina quando a anemia era o diagnóstico era de 10 g/dL (IQR: 8,7 - 11,1). Ausência de índices de hemácias, contagens diferenciais de leucócitos e contagens de plaquetas foram observadas em 261 (44%), 441 (74%) e 251 (42%) dos casos. O hemograma completo foi coletado 60 dias (ou mais) antes do HTC em 118 dos pacientes (20%) e nenhuma informação de hemograma completo foi fornecida para 196 pacientes (25%), 31% dos quais (n = 60) tinham citopenia como diagnóstico. Hemotransfusões foram relatadas dentro de 60 dias da TAH em 49 pacientes (6%), e avaliação de emergência foi sugerida pelo hematologista para 72 pacientes (9%). Além disso, 190 (24%) pacientes foram encaminhados para APH após a TAH, dos quais 21 (3%), 115 (15%) e 54 (7%) receberam baixa, intermediária e alta prioridade para consulta. **Discussão:** Durante o período de dois anos relatado, o acesso a TAH preveniu 3 em cada 4 consultas presenciais APH. Isso é especialmente relevante, considerando a necessidade de distanciamento social e os impactos socioeconômicos da Covid-19. Entretanto, interpretações e relatos inadequados de exames laboratoriais, e falha em associar sintomas e histórico clínico aos exames foram achados recorrentes. **Conclusões:** A interação entre MAP e especialistas é de grande valia e, através da telemedicina, pode beneficiar pacientes, melhorar indicadores de saúde e gerar educação médica continuada em hematologia.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.023>

DOENÇAS DA SÉRIE VERMELHA: ANEMIAS HEMOLÍTICAS

ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE DOR EM PACIENTES COM DOENÇA FALCIFORME DA FUNDAÇÃO HEMOMINAS DE BELO HORIZONTE – MINAS GERAIS

ELVD Santos^a, AT Guimarães^b, MFL Pereira^b, ILC Rocha^b, CDC Neves^b, ECL Resende^b

^a Fundação Centro de Hematologia e Hemoterapia do Estado de Minas Gerais (Hemominas), Belo Horizonte, MG, Brasil

^b Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, Belo Horizonte, MG, Brasil

